



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

Quinzenário • 3 de Novembro de 2012 • Ano LXIX • N.º 1791 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



O amor abre caminhos de luz

125.º aniversário do nascimento do Padre Américo, da Obra da Rua

NA celebração dos 125 anos do nascimento do Padre Américo, unimo-nos à Obra da Rua, a todos os seus responsáveis, amigos e colaboradores e, de um modo especial, a todos os rapazes que estão ou estiveram na Casa do Gaiato, numa acção de graças a Deus pelo dom da vida do seu Fundador.

O Padre Américo agiu marcado pela fé e no exercício da sua vocação e missão sacerdotal, porque entendeu tanto uma realidade como a outra como um serviço ao ser humano integral, porque percebeu que a fé sem obras é morta e que o sacerdócio confinado ao espaço do culto e do templo pode ser estéril.

Conseguiu realizar esta harmonia tão desejada da acção e da contemplação, da fé que é empenhamento na vida, da acção social e caritativa como dimensão fundamental da comunidade cristã, da unidade do coração no amor a Deus que é sempre amor ao próximo, como duas realidades indissociáveis — o que fizestes ao mais pequenino dos meus irmãos, a mim o fizestes.

Apesar de não ter estudado as teorias mais elaboradas nas academias acerca da pedagogia e da educação, ou que se admitam falhas no projecto desenvolvido, que precisaram ao longo dos tempos de ser corrigidas, há nele um conjunto de intuições novas e originais, que

brotam da natural bondade humana, potenciada pela fé em Jesus Cristo e nas palavras do Evangelho.

Destaco em primeiro lugar a consciência de que é pelo amor que se educa, se ajuda a crescer e se constroem as pessoas como seres felizes em todas as idades; em segundo lugar, a consciência de que o ser humano é bom por natureza, pois assim foi criado por Deus, bem expressa na sua máxima eloquente: não há rapazes maus; depois, a consciência de que não há causas perdidas quando se trata de pessoas, havendo sempre um trabalho a fazer sem desistências, mesmo que os resultados imediatos pareçam negativos e desencorajantes; ainda a certeza de que não basta tratar as consequências da desestruturação familiar e social, mas é preciso agir nas causas, pela promoção dos laços familiares fortes e alicerçados no amor, pela promoção da justiça e da equitativa distribuição dos meios de trabalho e sustento.

O P. Américo e tantas outras pessoas do mesmo género são para nós um testemunho belo, por um lado, inquietante, por outro, por serem encarnação do evangelho e da fé cristã, que temos tanta dificuldade em assumir de forma vital.

Excerto da Homilia de D. Virgílio do Nascimento Antunes, Bispo de Coimbra, na Igreja Paroquial de S. José, Coimbra

da sua vocação de servo, não parou mais, até ao desgaste final.

A Obra da Rua é a árvore plantada por Deus no coração de Pai Américo. É uma imagem muito interessante. Os vários ramos desta árvore estão virados para a rua, com o significado de área social dos mais abandonados, dos excluídos, dos sem família, sem habitação, etc. O ramo das Casas do Gaiato cobre as crianças da rua, sem família, ou tendo-a, vivem como se não a tivessem. Por isso, a definição mais querida da Casa do Gaiato é a Casa de Família dos sem-família. Neste mundo concreto em que vivemos, Angola, são tão necessárias as Casas do Gaiato! As crianças são multidão. Quem dera não faltassem as vocações com o coração disposto a servir estes filhos! A proposta para a construção de mais Casas do Gaiato foi feita pela Autoridade civil. A resposta não se fez esperar: são necessárias mais vocações para servir até ao

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O amor à Pobreza e aos Pobres foi toda a motivação que galvanizou a vida de Pai Américo para se lhes dar, e por ele vencer todos os obstáculos que teve de transpor.

Nunca foram obras de assistência as que praticou nem tais foram as que ganharam corpo a partir do tronco principal da sua acção: a Obra da Rua.

Pai Américo viveu para e pela caridade, que é tão simplesmente o amor ao seu semelhante. No amor não entram conceitos como estatísticas e quantificação de resultados, por muito que alguns sábios pensem de outra forma. Nem sequer entram orçamentos para ver até onde podem ir as despesas e de onde vêm as receitas como seu fundo.

No amor tudo é graça e de graça. Nele não há distinção entre o que dá e o que recebe, pois quem dá recebe e quem recebe dá. É este espírito que Pai Américo incutiu à sua Obra, espírito que ele aprendeu do Mestre e é característica de tudo o que é palavra nova, o fermento que leveda a massa actuando no tempo, por sua natureza caduco.

Os dias que correm não são diferentes dos que Pai Américo viveu. Os velhos interesses e conceitos da assistência permanecem, e procuram vencer e convencer, impor-se e exaltar-se. Ao contrário o amor prefere humilhar-se e servir, e dar a vida, porque este é o único fermento que produz, não na aparência mas no miolo, o pão forte.

A força que os velhos métodos recebem da lei, a que todos estão submetidos, dá-lhes um ar de bondade e capacidade de convencimento, que influencia os incautos e fortalece os mal-intencionados. Ao contrário, a técnica do amor liberta e abre caminho à vida responsável.

Tanta ditadura que vamos sentindo na pele por força da lei que se impõe pela lei da força, por quem só devia estar para servir. A força avassaladora de uma mentalidade que domina, ninguém a pode contrariar, e só um interesse não interesseiro consegue dissipar os seus efeitos.

Como desejamos conseguir sempre alcançar este desiderato, de fazer o bem, bem feito, ainda que seja só por um! □

dom da própria vida. Outro ramo desta árvore plantada no coração de Pai Américo é o *Calvário* dos doentes incuráveis, abandonados, sem família. Os hospitais são para os doentes com esperança de cura. Está certo. Mas, quando o doente é incurável e não tem família, para onde vai? Morre na rua, debaixo das árvores ou nos vãos das escadas. São pessoas que não tiveram uma forma de vida com dignidade humana. Agora, nem para morrer! Quem dera o *Calvário*, a coroa da Obra da Rua que Pai Américo tanto desejou, viesse para Angola! Nem o Estado, nem a Igreja, em Angola, têm a Casa de Família para estes filhos incuráveis, portadores da mesma dignidade que cada um de nós tem. Batem-nos à porta, de vez em quando, mas o acompanhamento não é possível. Outro ramo muito importante é o *Património dos Pobres*. As famílias, sem habitação com o mínimo de dignidade, são em grande número. Pai Américo, com o seu coração grande, à medida do coração do Mestre, abraçou estas famílias com muito amor. Deixou-nos o exemplo e o apelo à vossa ajuda. O jornal *O GAIATO* é o ramo de alto valor, também, desta árvore. É o canal por onde circula a vida de toda a Obra da Rua, até aos vossos corações. Sem *O GAIATO* não sentiríamos a comunhão convosco,

até à partilha das nossas vidas e dos nossos dons.

Ao celebrarmos os 125 anos do nascimento de Pai Américo, sentimos que está vivo com o seu testemunho de vida a ser luz verdadeira, a apontar-nos o caminho certo da nossa realização pessoal. Mais, o caminho único para o renascimento dum mundo novo, ao jeito duma família. Recordo o nosso encontro, nos 21 anos decisivos da minha vida. Jantámos juntos. A palavra era dele. O meu coração escutava. Tinha quatro Casas do Gaiato, naquela altura. Só tinha três padres. Encontrei a porta aberta da minha felicidade, neste encontro com Pai Américo. A palavra determinante do Sr. Bispo, que tinha uma grande admiração pela Obra da Rua, veio confirmar o meu caminho. Para ele a Obra da Rua era uma janela aberta, por onde crentes e não crentes viam a verdadeira Igreja como expressão do Amor maternal de Deus para com os mais pobres, os mais caídos da sociedade. Quem dera não falem estes testemunhos, nos tempos que correm! Que o Processo de Beatificação de Pai Américo, em marcha, dê um passo em frente, por vontade de Deus. Depende de nós, também. Clamemos pela sua ajuda, como intercessor, junto de Deus, das graças necessárias para nós e para os outros.

Pai Américo está vivo! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Pai Américo nasceu há 125 anos

ESTOU a escrever nas vésperas do dia do seu nascimento. Foi a 23 de Outubro de 1887. Pai Américo está vivo! Sentimos a sua presença actuante em nosso coração. Foi um instrumento admirável do Servo dos servos: O Mestre divino. O testemunho da vida de Pai Américo é um foco de luz a mostrar-nos o caminho do nosso viver diário. Quem dera escutemos a palavra chave da felicidade de cada um de nós: Não nos cansemos de fazer o bem, porque, se não desfalecermos, colheremos no tempo oportuno. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos. Contudo, os mais necessitados devem ocupar o primeiro lugar,

em nossas vidas. A atitude verdadeiramente humana, assumida por Pai Américo, foi uma atitude de “servo”. Aliás, é o caminho seguro, em todas as circunstâncias da vida, quer dos que estão constituídos em autoridade, quer dos cidadãos mais simples. O marido e a mulher que não agem como servos um do outro, o professor que não se considera servo dos seus alunos, o médico que não vê nos seus doentes superiores a servir, como podem desempenhar, com êxito, a missão que lhes está confiada? O exemplo do Mestre divino, que Se fez servo de todos até ao dom da Sua vida, foi o segredo da maravilha da vida de Pai Américo. Quando fez a descoberta do tesouro

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

André Fernando

1. Os nossos fins-de-semana têm sido marcados pela presença de amigos e visitantes. Uns, com o objectivo de nos conhecer; outros, a trazer a sua contri-buição em roupa, calçados, géneros; e, ainda, outros, preocupados com as nossas dificuldades do dia-a-dia.

2. Desde Agosto que a falta de água e energia nos tem prejudicado muito. As constantes oscilações de energia têm provocado muitas avarias nos PT's e nas bombas de água. Nestas duas últimas semanas o problema agravou-se, hoje na porta do escritório mais uma bomba avariada.

3. No dia 4 de Novembro de 2012, teremos um evento em nossa Casa. Os manos mais velhos estão a organizar um dia de reflexão sobre a situação actual em que as crianças moçambicanas vivem, as Instituições que as apoiam e o papel de cada cidadão neste processo de acompanhamento a estas crianças que serão o futuro deste País.

4. É chegado o fim do ano lectivo. Os da 5ª, 7ª e 10ª classes, preparam-se para os exames finais, e os outros começam a pensar nas férias, mas este ano temos algumas actividades extra-curriculares que só terminam no dia 17 de Novembro de 2012.

5. Com as chuvas constantes, as nossas instalações do bloco principal (refe-itório, copa, cozinha, dispensas e escritórios), estão há bastante tempo com grandes problemas de infiltração. Tememos que algum dia haja problemas maiores pois as trovoadas e os relâmpagos têm sido fortes nestes últimos dias. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — Conforme foi anunciado e divulgado, decorreu com muita participação e alegria a comemoração desta data festiva, a 21 de Outubro, Domingo, em Coimbra. Foi na Igreja Paroquial de S. José, cujo Pároco é o nosso amigo Padre João Castelhana, que dinamizou a sua comunidade. Pelas 12.00h, foi celebrada a Eucaristia, com a assembleia cheia de fiéis, em que se contavam Gaiatos actuais e antigos, e presidida pelo Sr. Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes. No final, o Divino entregou a foto do nosso Pai Américo, a que se seguiu um diaporama. Depois, no salão polivalente, houve um almoço partilhado e aberto a todos. Entretanto, teve lugar um animado espectáculo, em que participaram várias Casas do Gaiato. Os Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, ensaiados pelo Prof. Paulo Sousa, que coordenou a festa, apresentaram uma peça de teatro "Aqui é a Casa do Gaiato", em que participaram: Amadú (rei), Diogo Silva (come e dorme), Joaquim (criado do rei), Luís (flor da vaidade), Joel (flor da saudade), N'anso (flor da amizade), Arménio (flor do trabalho), velhinho (Igor), Flávio, Francisco, Aliú, Betinho, Diogo Madeira, Divino, Edgar, Evguénio, Malam, Nandinho e Victório. Seguiram-se o Hino e umas palavras amigas do Sr. Bispo de Coimbra. Alguns Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, que vieram com o Sr. Padre Acílio, apresentaram bem algumas danças; seguida de uma dança de Miranda do Corvo (Agostinho, Elton, Fábio, Júnior, Rocha, Úmaro e Valentino). Entretanto, vários Rapazes improvisaram algumas danças. Um grupo de Rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa alegraram muito esta festa com danças e cantares populares, bem como a Marcha da Obra da Rua. O Sr. Padre Júlio, em nome da Obra, encerrou esta tarde de comunhão e amizade, com palavras sobre a humildade e a pobreza. Finalmente, houve uma passagem pelo busto de Pai Américo, na Av. Dias da Silva, na qual o Presidente da Junta da Sé Nova e Antigos Gaiatos colocaram flores de gratidão. Todos partiram para as suas casas mais felizes. Agradecemos muito aos que tornaram possível este belo dia. Bem-hajam!

A 23 de Outubro, terça-feira, foi celebrada Eucaristia, na nossa Capela, com a nossa Comunidade e amigos, em que se recordou a vida e obra do nosso Pai Américo, que nasceu neste dia, há 125 anos, na Casa do Bairro, em Galegos (Penafiel), filho de D. Teresa Rodrigues e Ramiro Aguiar. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A BOA ESPERANÇA — Há uma coisa muito importante que deve resultar da existência numa paróquia de uma Conferência Vicentina ou outras formas de solidariedade: a esperança de que se houver necessidade de ajuda para fazer face às más emergências da vida e para ter acesso a condições de vida condignas haverá por perto uma mão amiga para dar esse apoio.

Infelizmente, nos tempos que correm e com o que se perspectiva para o futuro, a boa esperança é coisa que parece começar a faltar para um número cada vez maior de pessoas, a começar pelos jovens. Por isso, recomeçaram a emigrar em grande número, como noutros tempos.

A boa esperança é uma coisa muito importante para as pessoas e os países poderem levar a sua vida para a frente, contra ventos e marés. Não podemos deixar esmorecer a boa esperança contra muita coisa que a está agora a pôr em causa. Apesar das muitas dificuldades com que se defronta o trabalho social e as organizações que o fazem, quem anda nisto e fizer o que deve fazer, se tiver olhos para ver e ouvidos para ouvir, saberá encontrar as provas de que é possível construir essa boa esperança de que tanto precisamos.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa,
A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt
Telem.: 965464058 □

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Outubro,
42.800 exemplares

PAÇO DE SOUSA

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — No dia anterior aos 125 anos do Pai Américo, o nosso Pe. Júlio e mais dois rapazes foram entrevistados pelo Jornal de Notícias para Celebrar o aniversário. No dia 23 de Outubro celebrou-se Missa em honra de Pai Américo e lembraram-se os outros padres, gaiatos, senhoras e amigos que já partiram. Depois, fomos jantar e no fim cantou-se os parabéns e comemos um bolo oferecido por um amigo que todos os anos, por esta data, nos alegra sempre com um saboroso bolo. Obrigado!

EXPOSIÇÃO — Numa exposição do *Património Arquitectónico do Século XX: 1910 a 1974*, no Porto, os arquitectos Fábila Franco Pires e Fernando Cerqueira Barros apresentaram as construções das nossas Casas, com o título a "Obra da Rua" no Concelho de Paredes, onde foca a figura do nosso Pai Américo enquanto promotor de uma extensa obra, a Obra da Rua. A exposição tem fotografias do Património dos Pobres, do Calvário e da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que representam uma forte linguagem tradicional e histórica.

DIA DA DEFESA NACIONAL — Quando os nossos rapazes atingem os 18 anos, todos os anos são chamados a ir ao Dia da Defesa Nacional e este ano dois dos nossos rapazes, o «Joaquim» e o Rúben, juntar-se-ão aos

outros rapazes desta zona do País para as celebrações do Dia.

BIBLIOTECA — Por baixo da Casa 4, que está a ser remodelada, há o propósito de se fazer uma Biblioteca e uma Sala de Leitura. Terá a capacidade de albergar os livros do Pai Américo, da Obra da Rua e os livros que os nossos Amigos nos oferecem.

JARDINAGEM — Alguns dos nossos rapazes que estudam perto da nossa Casa, nos dias que não têm aulas, ocupam-se a fazer jardinagem e a varrer as folhas que vão caindo, juntamente com o Paulo «Mudo».

José Reis

DESPORTO — No primeiro jogo desta temporada, recebemos e ganhamos aos Juniores do A. R. C. S. Lourenço do Douro, da A. F. Porto. Um jogo próprio de começo de época. Alguma falta de entrosamento e muito pouco discernimento — pela nossa parte!

Foi a estreia do nosso guarda-redes Alexandre como titular. Um miúdo com muita vocação para aquela posição. Fez 45 minutos sem sofrer golos. Na segunda metade, para o seu lugar, entrou o chamado guarda-redes principal e, quando ninguém esperava, deixou entrar um daqueles «senhores galos de Barcelos». Falta de atenção e um pouco inconformado com o lugar

de suplente. «Quem não trabuca, não manduca», quem não treina por preguiça, sujeita-se às consequências.

Em relação ao adversário, gente extremamente impecável! Desde os seus dirigentes aos atletas.

O árbitro do jogo, foi o treinador do S. Lourenço do Douro, já que o nosso, não está a gostar de fazer horas extras a troco de um: «muito obrigado». Apesar de termos ganho, o jogo acabou mais cedo, pelo facto do árbitro não admitir falta de humildade e de bom senso. Segundo ele — e muito bem — acima do futebol, está a formação da pessoa. Ora, isso, é o que nós estamos sempre a dizer, mas parece que alguns dos nossos, teimam em não ouvir e, continuam a confundir a realidade com feitios... que, ou muito me engano, só acordam quando baterem! É pena, porque não é por falta de aviso.

Em relação ao jogo decorreu normalmente. Um ou outro a querer dar nas vistas logo no primeiro jogo. Uns pela positiva, outros, pela negativa. Uma arbitragem boa e sempre bem-intencionada.

Enquanto Erickson teve jogo, brilhou e, conseguiu fazer um excelente golo de calcanhar, sendo o primeiro da época e do jogo; Fábio, um grande lutador a meio-campo, fez o 2-0. Resultado final: 2-1.

Uma semana depois, houve treino para se preparar a visita do F. C. Vila Boa de Quires, também da A. F. Porto.

Alberto («Resende»)



A Festa dos 125 anos de Pai Américo

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Como Vicentino e homem cristão, a cada dia que passa, custa-me ver o meu semelhante com tantas dificuldades e não poder ajudar.

O ambiente que se vai vivendo há nossa volta cada dia se torna mais pesado, os nossos pobres, a pedirem ajuda para os livros escolares, para alimentos, água, luz, renda etc... é um pedir para tudo e nós, sem capacidade de resposta, só nos resta que o Pai do céu, ouça o nosso apelo para que nós possamos ajudá-los a minimizar as suas carências.

Existe nesta vida terrena, uma falta de gratidão e caridade, vivemos muito para o comodismo e esquecemos que mesmo ao nosso lado existe um irmão que não tem que dar aos seus filhos, esquecemo-nos da verdade, e nem tão pouco a aceitamos. Não queremos enfrentar a verdade, porque essa é difícil, mas é por ser difícil, que nós Vicentinos mais que ninguém temos que levantar as mãos ao Céu e pedir ao Senhor ajuda a levar esta Cruz até ao fim e forças e coragem para continuar a ajudar os irmãos mais carenciados.

Só amando se pode viver e amar, se pode encontrar o apoio dos nossos amigos que nos escrevem as suas mensagens cheias de amor e carinho pelo nosso trabalho.

Nós somos Vicentinos não para ser servidos, mas para servir, visitando os pobres, proteger as crianças, levar-lhes uma palavra de amor e esperança que amanhã virá um dia melhor, pensando que o Senhor nunca esquece os seus filhos, e quantas vezes nós nos esquecemos do Pai.

Hoje tivemos uma notícia triste, faleceu uma das nossas pobres com apenas 47 anos, não teve uma vida fácil, viveram sempre muito pobres, é uma das famílias que visitamos desde o início da nossa Conferência. Agora, ficou a sogra com 90 anos numa cadeira de rodas, o filho com 17 anos com problemas de saúde que não tem muita autonomia e o marido homem marcado pela vida e muito revoltado, que anda a recolher sucata para ganhar algum para poder sobreviver.

Tentamos ajudá-los mas não podemos retirar as marcas que estão bem vincadas nas suas vidas, mas como somos persistentes, vamos sempre tentar minimizar a dor desta família, sabendo eles que podem sempre contar com o nosso apoio e respeito.

Somos voluntários, estamos no terreno, não recebemos os pobres nos nossos gabinetes, vamos a suas casas e constatamos a realidade das suas vidas, apercebemo-nos das suas dificuldades, só que os DIREITOS

COMO CIDADÃOS já pertence à máquina do Estado, é um trabalho das Assistências Sociais, que deviam certificar-se melhor das ajudas que dão, para que não haja tantas injustiças, porque há muitas ajudas entregues a cidadãos que não têm tanta necessidade, e cortam àqueles que nada têm, porque a sua voz não é ouvida, são tratados com indiferença e não como cidadãos que apenas reclamam os seus direitos.

DONATIVOS — M. Conceição, 50€; Jose Duarte, 100€; Maria Santos, 50€; Pedro Leitão, 5€; Eugénia Barros, 20€; Luísa Fidalgo, 60€; Fernanda Veludo, 15€; Odete Reis, 70€; Narcisca Aragão, 10€; José Diogo, 20€; Virgílio Cadeia, 20€; Maria Trindade, 100€; Carlos Jesus, 100€; Dr. José Moreira, 150€; Jorge Santos, 50€; José Amorim, 500€; Anónimo, 100€; Otelo Silva 7€; Amiga, de Fiães, 80€.

Em nome dos nossos irmãos carenciados o nosso agradecimento.

O nosso NIB:

00100004417802000158.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Horas de amigos

SOMOS fiéis ao mandamento de Jesus, se abrimos os olhos às dificuldades dos mais pobres, em situações fragilizadas e que atingem os vários continentes, nesta embrulhada económica e financeira global.

Como Pedro, sobre as águas do mar, olhar para o Mestre encoraja-nos diante de ventos fortes e tempestades, pois dá-nos esperança para escutar e acompanhar as pessoas que encontramos e nos confrontam com a urgência da justiça e proximidade. São rostos do Senhor! Ao Amor responde-se amando sem medida. Se as causas de muitos problemas nos ultrapassam e estão imbrincadas com interesses poderosos, importa estar com os preferidos d'Ele. Este modo de estar na vida decorre do encontro com Cristo, que vence o mal, não pela força do poder mas pela autoridade do serviço e entrega da vida.

Foi o que aconteceu nomeadamente nalgumas horas, no piso 10 duma grande *catedral* de dor e esperança, com vista para o Mondego e algumas nuvens cinzentas. O Divino, com 8 anitos, porque é humano, acabou por ser chamado da lista de espera. E com muito carinho e ciência foi sujeito a uma

cirurgia em otorrinolaringologia, que foi soletando até ser adormecido; mas, antes viram bem o seu frágil coração. Dar saúde a uma criança vale *mais do que todos os passarinhos!* Depois, choramingou quando sentiu na carita vestígios de sangue. Não envergonha ninguém, mas aproxima-nos mais de Jesus, que chorou e verteu Sangue por todos e para sempre. Não se espere outro messias. É um dos muitos refugiados da Guiné Bissau, onde tanto sangue tem sido derramado desde a guerra colonial. Uma notícia destes dias é que, devida à instabilidade actual, a população daquele País está com os *nervos em franja*.

Alguns dias antes, por via do Maniche, entre nós e daquela zona do globo, que também foi operado, mas no sul, na ocorrência da urgência, deu para voltar a dois bairros difíceis, noutras horas. Visitámos, então, a mãe do Elton; sem meios capazes de subsistência, que está aflita com a renda de casa do anexo em que se abriga com a prole. Entretanto, demos ainda um salto a um antro de miséria, onde sobrevive o pai do tal pequenito, a recuperar a sua audição, para ouvir bem os batimentos de quem sobrevive

marginalizado ou excluído, em que também *se espelha o próprio rosto de Cristo*. Como urgia comida, naquela hora, era um dever dar de comer. Onde podemos encontrar, afinal, as mãos do Senhor Ressuscitado?...

Depois de deixarmos aqueles amigos, noutra hora, veio logo outro grito: — *Estou desempregado e numa casa velha*. Foi a preparação para outra hora de encontro com gente sem abrigo, perto de Santa Cruz, em Coimbra.

Neste tempo, há quem queira excluir Deus da sociedade. O resultado está à vista: degradação social. O Padre Américo pôs Deus no seu lugar! Nasceu com a *devoção dos pobres* e foram eles os seus *amigos devotos*.

Um sítio muito certo, de quem segue o Mestre, nunca é disputar os lugares da frente, da ambição que divide e separa; mas, ir ao encontro dos últimos, com os olhos n'Ele, *que é*, por aqueles que são sua imagem. O Caminho que O esperou e espera quem serve a dignidade humana é *apenas* ser rasteirinho e juntinho de quem encontramos pelo caminho. Discursos ociosos são tretas. *A fé sem a caridade não dá fruto*.

Regressámos às alturas das ditas enfermarias, em que um dos pacientes conseguiu balbuciar: — *Já sofri a minha parte...* Da vida ninguém consegue tirar a cruz. A carga pessoal e social é mais leve, se houver sempre ao nosso lado pessoas simples que escutam os outros e se gastam pelas suas necessidades e angústias, em silêncio como as águas profundas, tornando o mundo mais humano.

Rasgamos caminhos para o tempo que vem, se vivermos fazendo o bem. Senão, ficamos aquém de Quem em todas as horas nos quer bem! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

«*É o coração que mata a gente. Mata, eu sei que mata*», dizia Pai Américo. O meu tem andado angustiado dia a dia, mas ao mesmo tempo que vivo a vida de Casa não posso desligar d'Aquele que faz a ponte com quem pensa nesta Casa e nos duzentos e tantos rapazes a quem preparamos o futuro. E não é fácil saber as tendências e aptidões que se misturam no dia a dia com atitudes, que nos deixam perplexos. Para nós é tão complicado ser pai de crianças da rua! Só para Deus é tudo simples. Chego a desejar estar com Ele, mas não porque, como muitos me dizem, sou ainda preciso, mas para me purificar ou penitenciar de tanto que me concedeu sem fazer tudo para o merecer.

Chegou a hora de contas das ajudas solícitas que nos chegam em euros. Em Junho, 33 de um Otel. Em Agosto do marido de uma sobrinha de Pai Américo 500 e pouco depois outro tanto. De um António duzentos.

Em Setembro, cem de Maria de Fátima e outro tanto de Maria Cecília e de Maria Clara e Maria de Lurdes; o dobro de Maria Fernanda e de Maria Natália 1.000. De Maria da Piedade 500. Os corações das Marias a vibrar. Mães com letra grande. De um José 25 e novamente em Outubro. De Manuel Ribeiro 100. De João Francisco 500 e de Joaquim Duarte mil. Deve, ser o nosso antigo prof Duarte do Tojal. Não lhe sei o nome todo, mas pelo muito e pelo tanto que se deu àquela Casa, não me devo enganar. De gente da minha aldeia e das minhas irmãs que lá moram, mais mil e 400 da família de Sines.

Logo no princípio de Outubro de José Gil 300 e 930 de Licínio Carlos, de eng.º Prieto 3.000, de Bayão Horta 250 com promessa de voltar. Parece que as coisas estão a aquecer. Todos os meses 5.000 para o funcionamento da Creche, Berçário e Albergue de Ndividuane da Família Domingues da Costa de Algés. Que bênção grande para ela e para todos os que nos abrem o seu coração, pedimos a Deus!

Também todas as semanas ando em Maputo. Já contamos com duas pessoas que todos os meses nos dão 3.000 meticais. A Toyota 400 litros diesel e a Petrogal mais quinhentos quando nos abastecermos e quarenta de gás igualmente. Como estamos em regime de contenção de despesas e não podemos fazer lavouras sem água garantida não poderá ser todos os meses. Um Amigo ofereceu 5.000 litros de diesel, mas ainda não veio. Mas chegaram seis pneus para os transportes escolares. Do Banco de Moçambique cinco sofás e igual de computadores já usados, mas em serviço. Do nosso Consulado uma batelada deles já antigos mais papel e algum material eléctrico. Da Jinnwalla 40 kg de sabão e 40 litros de óleo, todos os meses. Do Mozabanco duas carradas de móveis que estamos concertando para dar destino. Do Sr. Ramos onze móveis em boa madeira para colocar as televisões nas Casas dos Rapazes, em tempo de férias. Uma máquina de fazer bloquetes e um piano Rheinberg-Sönhe. Tão antigo, mais de cem anos. Quando descuidados o desceram do camião desfez-se em pó. Só a tinta mantinha a aparência, como em tanta coisa hoje. Como somos herdeiros de destroços vamos deixá-lo no chão até que possamos fazer-lhe uma caixa nova e dar-lhe vida. Não vamos abandoná-lo por ser velho, como se faz hoje até às pessoas que nos deram vida. Certamente aquele piano animou muitos serões familiares e transmitiu enlevo a muita gente. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Apóstolos da Verdade, pregoeiros do Evangelho, não podemos usar meias-tintas nos quadros da vida; e temos obrigação de chamar às coisas o nome que elas têm.

in Pão dos Pobres, 1.º Vol.

A RESTAURAÇÃO EXIGE PACIÊNCIA

Padre Quim

«SENHOR é agora que vais inaugurar o reino messiânico»? Os Discípulos continuavam a não entender a missão do Mestre, esperavam pelo momento oportuno para cada um ocupar o Seu lugar de destaque assim que Jesus tomasse de assalto o poder como fazem os reis da terra. Um reino deste mundo? A nossa pátria está no céu. Estas notas escritas no final de mais uma jornada, altura para repor energias, fatigadas pelo trabalho do dia, recordo-me da conversa que um turista teve com um rabino: «Onde estão os teus bens? —, perguntou o turista ao rabino. — E onde estão os teus? —, perguntou o rabino ao turista». «Eu estou de passagem —, respondeu o turista...» — «o mesmo que eu — disse o rabino...» — os dois demonstraram que estavam de passagem, mas em perspectivas diferentes; por um lado a existência autêntica e por outro, o turismo fugaz. A revolução do amor começa pelo desprendimento do ter. Princípio válido na escala de valor em que a doação ocupa o auge. A expectativa do sol que vier a brilhar favoravelmente em dias de glória é um fogo que arde

no interior do homem. O homem luta para ver chegar dias melhores, numa batalha às vezes esperançosa, outras vezes nem tanto. É a arte da paciência! Assim, como ela; é a arte de educar. Verso da mesma moeda. Ferramentas suficientemente apropriadas para transformarem farrapos em tecidos valiosos. O carvão, depois da pressão, em pedra de grande brilho.

«Temos que ter paciência», escutamos muitas vezes esta frase diante de situações complexas; debaixo dos escombros, ou na fúria das tempestades. Ela surge como um refrescante bálsamo sobre as dores contorcidas. Como se nos dissessem: Hei-a! Avante, à vitória Deus conduz! É para Ele que todos os caminhos do bem vão ter. As nossas oficinas são lugares de restauro não só de móveis e estruturas físicas danificadas pelo tempo ou pela fraca qualidade, mas são sobretudo recuperadoras do tecido humano, fazendo despertar talentos e capacidades antes adormecidas. Elas por si só, embora não tenham muitas obras, valem por exercerem este importante impulso de futuro nos rapazes que

por lá passam. É o discípulo determinado hoje que amanhã se tornará bom mestre. Não há mestres que antes não tenham sido novatos na profissão. Temos andado a fazer pequenas obras, tão pequeninas mas que exigem cuidados especiais. A pedido duma comunidade religiosa veio ter à nossa carpintaria um sacrário para ser reparado. A casa de Deus a precisar de umas obras! Se assim acontece com a casa que os homens construíram para Deus, quanto mais àquela que Ele mesmo construiu no mais íntimo do coração humano, verdadeira e viva Casa, onde o Verbo habita, renovada continuamente com o seu apelo à conversão e o convite à caridade permanente.

O «Zé Dombe», é assim que os rapazes o apelidaram, por ter vindo daquela região mítica de Benguela, já tem um lugar à mesa e já saboreia a sopa quente do nosso tacho e o afecto dos seus novos irmãos, outrora resgatados da rua, e da luta pela sobrevivência. Uma vez mais fica denunciada a degradação da estrutura familiar. A dispersão forçada que a rua impôs neste adolescente vai ser a primeira luta a

travar, para o enquadrar nos actos comunitários. Habitado a deambular pelas ruas há-de aprender a estar onde está a Comunidade. A fixação foi desde os primórdios da humanidade situação nada fácil para quem estava acostumado ao nomadismo. Fomos saber da verdadeira situação do rapaz junto da sua avó. Mais uma vítima da rua, carenciada de pão e amor. Andava na cidade lavando carros, e fugindo da escola para ganhar dinheiro imediatamente, e com ele o vício de o esbanjar. Como água que corre e se evapora. Anda tudo à caça de dinheiro. Se soubéssemos trabalhar para o merecer! O resultado está mais do que comprovado, vivemos numa sociedade que compra e vende, ganha e gasta. Tem treze anos e não conhece o ABC... como ele há milhões de crianças a que é urgente dar dignidade. Delas é a Obra do Pai Américo. Nas vésperas da celebração dos 125 anos do seu nascimento, estes pequeninos são as nossas prendas, vindas das mãos de Deus sob a custódia do bem-aventurado Pai Américo. Se é urgente nos ocuparmos com a grande neces-

sidade de reabilitação do tecido humano, não é menos verdade que as nossas estruturas físicas estejam a clamar por uma recuperação geral. Há já quarenta e oito anos que elas foram construídas de raiz. Gerações de rapazes, hoje homens úteis à sociedade e pessoas de bem, receberam delas directrizes necessárias para um futuro melhor. Que bom, se pudéssemos unir o útil ao agradável, nestes 125 anos do nascimento do fundador e na véspera dos cinquenta anos da fundação das Casas de Malanje e Benguela, contar com a recuperação das suas respectivas estruturas, para poder tornar mais bela e eficaz a assistência e a educação dada ao pequenino vindo da rua. Para tal a vossa generosidade será fundamental para compartilharmos juntos a missão de dar um futuro melhor à criança abandonada. De contrário não há outra maneira para restaurar o que está em falta senão seguir este mesmo caminho: o da generosidade e o da paciência. São Paulo nos anima com esta oportuna declaração, mais do que verdadeira: *O amor é paciente...* □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O *Património*, no meio das suas tragédias traz também fundamentos de alegria. É a generosidade dos cristãos, revelando a fé com obras, renúncias heróicas e real comunhão dos santos. Julgo ser essa a causa de tão grande paixão pelo que vou escrevendo.

Desta vez foi uma mãe de família, com sete filhos já casados e a vingar na vida que me veio revelar a sua inquietação: «*A minha casa é ampla, bonita, confortável, mas quando penso haver tantas famílias a viver sem condições nenhuma e a ir para a rua, sinto-me mal, naquele ambiente que eu própria criei. Queria pagar a renda de casa a uma dessas sofredoras famílias de que tenho ouvido falar.*»

Era uma senhora alta com maneiras e linguagem elevadas, confidências sublimes, vencedora de todas as dificuldades da vida, sem medo de se sujeitar a tudo e, agora, com algumas sobras do suficiente para viver!...

Levou o NIB do *Património dos Pobres* e prometeu depositar, já, mil euros.

Também, de Lisboa, me veio uma simples encomenda com roupas de criança que abri e levei para a rouparia sem olhar o escrito que a acompanhava.

Quando me sentei no escritório a ler a carta, sobressaltei-me com a

revelação e corri ao compartimento onde havia deixado a pequena caixa postal aberta, rebuscar o segredo oculto no meio de umas camisinhas novas. Eram anéis com pedras preciosas, cordões de ouro branco e amarelo, pulseiras de ouro!...

Não estranhes que me encante com jóias. Não. Deus sempre me livrou desta tentação. Atrai-me sim, o movimento interior que levou esta senhora ao despojamento dos seus enfeites e à entrega aos Pobres. Uma evidente manifestação de Fé! Um toque Divino no coração humano!

O *Património dos Pobres* alimenta-se também destas maravilhas que Deus realiza e vou dando conta aos Leitores.

Cento e trinta e três euros e cinquenta cêntimos, da Helena de Maria de Cascais; trinta, da Luísa, de Vila Real de Santo António; setenta, dos meus amigos da Presa de Mira; vinte, da Maria de Jesus; quarenta, da Maria, de Teresa; vinte, da Manuela; trinta, duas vezes, da Maria Graziela.

Cinquenta, de Maria Helena, do António, Maria Celeste e Susana, mensalmente. Matilde, Amélia, Maria Eugénia, Maria Luísa, Beatriz, Maria da Conceição e do Afonso, também mensalmente. Mais, cento e dez, da mesma Maria Luísa e este desabafo: «*Não calcula como fiquei contente por receber o*

subsídio de férias pensando apenas em distribuí-lo pelas vossas Casas e Conferências enquanto Deus me der saúde e forças para o fazer. Ai!... Tenho tanto que agradecer ao meu Senhor que tem sido tão meu amigo!».

Da Zélia, trezentos e cinquenta euros, no 25º aniversário da morte brutal da sua filha. Como os tenho no coração!

Duzentos e cinquenta, do António, de Bucelas, da Maria Inês, do Jorge Marini, do Alfredo duas vezes e da Maria de Lurdes com estas palavras: «*É altura de lhe mandar um bocadinho da minha pensão para acudir a essas aflições que lhe batem à porta.*»

A Maria João, de Paço de Arcos, mandou 600 mais 500 e sempre uma pequena palavra de viva comunhão.

Em Coimbra, o *Património dos Pobres* tem tantos amigos! Alguém deixou no correio do Lar uma carta com cem euros. Na festa dos 125 anos do Pai Américo, no salão da Igreja de São José, não sei quem me pôs no bolso, cem euros. Um casal idoso, padeiro em Bujos ao tempo do Pai Américo, 40 euros; e da filha da minha professora, 50.

Isabel Maria, manda 700€, e «*muito obrigada pelo vosso trabalho.*» Nova afirmação de Fé.

Da Amadora, com cento e cinquenta euros, acompanha esta mensagem que é bem actual na data em que se comemora os 50 anos do

Vaticano II: «*Bem-hajam pelo vosso esforço em prole dos Pobres e pelo vosso discernimento em separar o trigo do joio, o que não será fácil. Desde que li a frase célebre de Pai Américo 'cada freguesia cuide dos seus pobres' mais admirei a sua sabedoria; e tão importante seria pô-la mais em prática, nestes tempos difíceis.*»

De Ponte Vagos, 200€; e mais 220€, da Ilda Justina. Mil dólares, da Chorusa; e mil, duas vezes, da Avenida Cidade de Lourenço Marques; e mais, ainda, 1500€, do mesmo amigo.

Da Rosa Maria, de Lisboa, 150€; e o mesmo da Maria Aurora, de Santa Marta de Penaguião.

Trezentos, da Maria do Céu, da Cármen, da Maria Alzira, da Fernanda a dizer: «*dói muito saber que muitos não tem um tecto decente para se abrigarem.*» Da Erisalda, os mesmo 300€.

Duzentos, de uma setubalense a viver em Lisboa que ao longo destes 55 anos sempre partilhou com a Casa do Gaiato. O mesmo do Ramiro a comunicar: «*Leio e releio as suas crónicas n'O GAIATO, não se vê luz nenhuma ao fundo do túnel.*» É verdade. Fez-se uma revolução para libertar o Povo e foi um engano. O Povo pobre, em todos os lugares e nações onde se fez sentir

o eco revolucionário, ficou, e continua, sobre uma opressão de que não há memória!

Cem, da Maria Benedita a pedir: «*Se souber de alguma rapariga estudante, ou que arranje emprego em Lisboa, que seja de gente séria, eu ofereço um quarto, só pagando água, gás e electricidade. Vivo no antigo bairro económico do Restelo, numa casa muito grande.*» A mesma quantia da Maria do Rosário; dum antigo gaiato, de Coimbra; do João Pinto, de Barcelos. Aqui o *Património dos Pobres* ajudou duas famílias a construir casa. Da Gracinda, de outro gaiato antigo, do Abílio, do Adelino, da Maria Manuela, casada com o assinante 13650: «*Estou reformada por invalidez com 250€ mensais mas pouco a pouco faço um mealheiro para partilhar.*» Da Quinta das Palmeiras; de um Padre setubalense a viver nos Estados Unidos; do bairro da Autoconstrução de Aguiar da Beira; da Dolores, do Porto, com mais 300€ noutra mensagem; do Abílio e da Alcina. Três mil, do Guilherme; e 800€ da Maria, de Braga.

Duzentos, do António; da Maria de Fátima; e mil, da Cremilde. Quinhentos, da Maria Filomena; e a mesma quantia da Maria Dulce e da Antónia Olímpia. □

MALANJE

Padre Rafael

SEI que estás aí esperando que te cheguem as notícias da Casa do Gaiato de Malanje. Umhas semanas, lê-as mal acabam de chegar; outras, acumulam-se na tua caixa de correio. Por vezes, reenvia-las a outros que te perguntam por nós. Contudo, nunca te esqueças que estás na nossa caixa de endereços, porque queremos partilhar contigo tudo quanto vivemos. Estás connosco e nós estamos contigo.

Chegaram as chuvas de Setembro e começou a árdua tarefa de preparar as terras para a plantação da mandioca. São mais de sessenta hectares que teremos de preparar até Dezembro e, tudo isto, teremos de o fazer entre as nossas culturas de milho. Após colocarmos os nossos olhos no Céu, esperamos que não nos falte a chuva.

O nosso Mariano já leva mais de uma semana em Casa sem fugas. Outro dia, pediu-nos que o deixássemos acompanhar-nos numa das nossas viagens à cidade.

Perto de um centro de informática, encontrámo-nos com muitos rapazes da rua. Mariano não tardou em os reconhecer, e mandei que os chamasse.

Ao subir, perguntei-lhes se tinham casa. O primeiro me respondeu que vivia com uma tia, mas que esta o não quer e, por isso, vive nas ruas da cidade.

O segundo, foi viver com a avó, quando ficou órfão. Ao morrer, a avó entregou-o a uma vizinha que, entretanto, o pôs fora de casa e desde então vive na rua.

Quando chegamos ao local onde costumamos apanhar os estudantes, apareceram outros dois. Ao que parece, um é irmão do primeiro e o outro também vive na rua.

Pegamos nos quatro e levamo-los para a Casa do Gaiato, como se fossem nossos.

Evidentemente que não foi a cabeça nem os cálculos que me fizeram tomar esta decisão. Ninguém pode dizer a uma cotovia que pouse no chão ou que não mova as asas quando está a voar. Assim é o amor; e deixa de ser amor quando tentamos dominá-lo.

Neste momento particular, dedico-me a fazer o que penso Pai Américo teria feito com estes quatro rapazes da rua.

Hoje, tivemos reunião com os catequistas das aldeias. Depois da apresentação de cada um, apenas um aplauso geral por um pensamento, que normalmente acontece depois de cada um tomar a palavra sobre os assuntos a tratar. Esta reunião serviu para lhes tomar o pulso, pois passaram já vários meses sem nos encontrarmos. Na próxima, analisaremos como estão as comunidades, e se todas eles têm catequista que as anime.

Aqui, damo-nos conta que na Igreja ainda falta muito para tomarmos a sério o impressionante trabalho dos laicos na evangelização. Que seria de nós sem os nossos catequistas, militantes... por acaso esqueçamos que todos estão connosco! □

SINAIS

Padre Telmo

O *GAIATO* na rua? Pois, o Jornal na rua. Interpelou-me, há dias, um amigo... e mais! E outros mais.

Eu digo que sim.

Estamos desperdiçando os belos, grandes e maravilhosos fios de ouro que Pai Américo teceu.

Outra vez às igrejas, às ruas, às empresas e aos cafés.

Pe. Júlio pôs na rua dois mensageiros na busca de velhos assinantes.

Que descobriram? Que o *Famoso*

vai a muitos já falecidos e a velhas ruas que nem já existem.

Pois. Vamos. É um apelo.

O nosso café floruiu. É um aroma que extasia! É anúncio do período de produção e colheita.

A mãe terra aberta à vitalidade das seivas. É o pão que Deus, hoje, nos dá.

No campo o carreiro de formigas carregadas com o alimento... Nos caminhos as filas de mães com os filhos nas costas e os pais de catana

na mão. As enxadas esperam na moita junto das mibangas. Processo que se repete invariável e certo. O trabalho é a certeza do pão.

Lutamos para alimentar os nossos cento e trinta rapazes: a bloqueira a fazer blocos; a moagem a moer bombó; da serração saem tábuas e ripas. São uma aflição as avarias dos tractores, velhos e gastos.

Vamos lutando. A mãe terra abre o seu seio. Com a chuva, as seivas remexem. Vamos plantar e lançar as sementes. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Energia Perdida

Há mais de um ano, temos a funcionar na nossa quinta uma micro-geração de energia solar através de placas fotovoltaicas com bom rendimento para esta Casa.

Como temos dois contadores: um para casa e outro para a agricultura, a lei facultou-nos a montagem de mais um sistema da mesma energia, cujo produto é imediatamente creditado a nosso favor e descontado em cada factura da EDP. Assim, iremos montar duas torres com 44 painéis fotovoltaicos cada uma, munidos de inversores, por forma que, movendo-se sempre na direcção do sol, captem alguma riqueza que o astro-rei nos oferece.

Quatro dos nossos rapazes estudam na Escola Profissional de Setúbal energias renováveis. É uma matéria actual, sempre nova, amiga do ambiente e redutora de outras alternativas energéticas, atentatórias da saúde humana, da vida animal, das plantas a até da própria paisagem.

Sendo o Sol uma fonte natural e inesgotável de energia, e havendo processos de a captar e pôr ao serviço do homem, é este o caminho seguro e previsto de toda a posteridade energética.

Portugal é um dos países com mais sol na Europa. Deve por essa razão criar e desenvolver as tecnologias necessárias para o apanhar.

As estruturas de fixação e suporte são fabricadas no nosso País, mas há pouco tempo. As nossas vieram do concelho de Cantanhede, mas os painéis são importados da Alemanha.

Nós tivemos uma fábrica em Vila do Conde a produzir células fotovoltaicas e deixamo-la ir embora. Ou melhor dito, a fábrica, que era alemã, transferiu-se para países de mão-de-obra mais barata e nós, ficamos «a ver navios» com setecentos operários despedidos.

Será que nos vai acontecer com o sol o mesmo que aconteceu com o mar? Somos o País da Europa com mais mar, em relação à terra que habitamos e tornamo-nos uma Nação sem peixe para exportar e conservar, sem sal e daqui a pouco tempo, sem praias, que tudo é comprado pelos estrangeiros. Será que nos vai acontecer o mesmo com o sol? Porquê aniquilada aquela fábrica? Porque as autoridades responsáveis não deram um murro na mesa e ficaram com esta base de captação solar? Seriam as leis do mercado que favorecem sempre os grandes? Seriam outros entraves intransponíveis e ocultos? — Não se percebe.

A Alemanha com muito menos sol que nós projecta terminar com as duas centrais nucleares muito brevemente e desenvolver ao máximo a captação de energia solar para se auto-abastecer. Nós temos de importar os seus painéis para apanharmos o nosso sol e continuarmos sujeitos ao *grande* que é cada vez maior.

No meio de tanto sofrimento humano vindo da falta de trabalho será justo aceitarmos este contra-senso?

Meu Deus, ninguém pode servir a dois senhores ao mesmo tempo. Ninguém serve o dinheiro e o Homem. O serviço do homem é sempre o serviço de Deus, porque Ele nos ama!

Não temos indústria?!... — Criemo-la, não nos faltam técnicos de bom nível. O sol é nosso e ele vale mais que o petróleo, pois este acabará mais século, menos século; o sol já mais se esgotará. A energia solar é a potência do futuro. □